

(2009) THOMAS WENTWORTH HIGGINSON, *O FAIAL E OS PORTUGUESES*.  
HORTA, NÚCLEO CULTURAL DA HORTA.

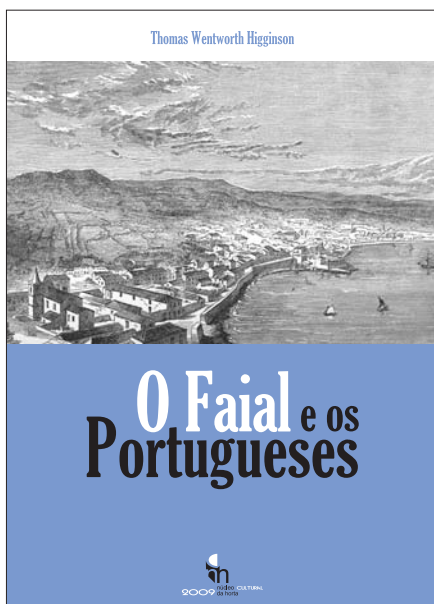
Catarina Azevedo – Escola Secundária Manuel de Arriaga. Horta.

A colectânea de textos de Thomas Wentworth Higginson, *O Faial e os Portugueses*, coligida por George Monteiro, compreende sete textos que abordam temáticas relacionadas com o que observou aquando da sua vinda aos Açores e que se traduz num cariz mais descritivo, próprio do texto jornalístico, ou na construção de um imaginário mais misterioso quando se aventura na ficção.

Embora, como bem frisa a nota do editor, nem sempre a visão que tem dos faialenses e dos seus hábitos seja a mais agradável para quem, hoje, visita a ilha (e era inevitável que assim fosse pois retrata o século XIX e dado que estes textos “*Constituem a reacção de um visitante sincero, informado e frequentemente generoso perante um povo e uma cultura que lhe são claramente estranhos em virtude da sua própria preparação e herança cultural*” p. 21), os seus textos permitem traçar um retrato bastante rigoroso do que era a sociedade da época e quais as vivências tanto dos habitantes como de quem nos visitava. Além disso, por detrás das críticas, sente-se, quase sempre, um entusiasmo verdadeiro pela cultura e

pela paisagem que o levou a debruçar-se sobre tudo o que lhe parecia tão diferente da sua própria experiência pessoal.

A introdução permite-nos descobrir o autor, um homem que se destacou pelas suas convicções (que não poucas vezes lhe trouxeram dissabores num país que se vira dividido por uma guerra civil) de abolicionista e de defensor dos direitos femininos, numa época em que o discurso que



se esperava por parte dos homens de igreja era bastante mais conservador (foi aliás demitido e fundou a “igreja livre” de Worcester).

Esta contextualiza ainda a sua vinda aos Açores – que se deveu à doença da primeira mulher pois esperava-se que os bons ares das ilhas a curassem (a tal não deve ainda ter sido alheia a amizade que tinham com a família Dabney) – e a forma como os diferentes textos apresentados nasceram ou tomaram forma na mente do autor. Em “O Faial e os Portugueses” (o texto que dá o título à colectânea) descobrimos a emoção do primeiro encontro com a ilha – *“Não importa quantas descrições de viagens feitas por outros navegadores possa ter lido ou ouvido, qualquer homem se sente como um verdadeiro Colombo ao atravessar o oceano pela primeira vez”*, p. 25 –, a entrada na baía e o espanto perante a recepção calorosa dos habitantes, o assombro perante uma praia de areia negra como o breu ou a ausência de veículos e cavalos, o que explica um silêncio inusitado para o visitante, a manta de retalhos dos campos salpicada pelos inúmeros laranjais e, inevitavelmente, o Pico que parece velar sobre o canal.

Vindo do outro lado do mar e de uma sociedade bem mais industrializada, Wentworth pasma perante a simplicidade da vida e dos hábitos (em particular uma religiosidade arreigada e

festiva que se traduz em procissões pitorescas) e entusiasma-se com a indústria da laranja gerida eficazmente pelos Dabney.

O seu lado mais sensível ao pitoresco não o impede de dar informações precisas sobre a localização geográfica da ilha, a importância do seu porto e especificidades sobre a sua população (seja ela a autóctone ou os estrangeiros que aqui se fixaram, com particular destaque, como é óbvio para a família do Cônsul a quem tece constante elogios pela sua acção civilizadora), as festas (preferindo o autor a simplicidade e a alegria dos camponeses às festas demasiadas “polidas” das classes mais elevadas), a alimentação e o vestuário, mostrando sempre a pobreza em que a maior parte da população vivia mas apreciando também o gosto pela limpeza e o cuidado na apresentação (*“(…) é extraordinário ver um extremo de pobreza maior com uma total ausência de sujidade”* p. 35) e na linguagem (considera aliás que os faialenses, mesmo os mais pobres, são extremamente corteses). Wentworth debruça-se ainda sobre a parca mecanização da agricultura, as diferentes espécies cultivadas (recolheu aliás inúmeros exemplares que vieram enriquecer colecções na sua terra natal), a tecelagem, a cestaria e todos os aspectos económicos da ilha bem como reflecte sobre as particularidades do clima que permi-

tem a abundância observada (um dado curioso num Faial que hoje está entregue às pastagens muito mais do que ao cultivo) ou a mistura entre o religioso e o profano, que se traduz nas festividades e no quotidiano.

A sua curiosidade pelo que o rodeia leva-o também a interessar-se pela língua e a passagem em que descreve como proceder para a aprender é encantadora.

Homem de religião (protestante revoltado com a frequente intolerância manifestada pelos sacerdotes do seu país) surpreende-se com as críticas veementes feitas aos sacerdotes locais que não impedem uma religião vivida com fervor (o relato que faz das cerimónias da Semana Santa mostra como estas o tocaram).

Este relato, embora contado como se o autor estivesse a vivenciar os acontecimentos quando os descreve é na realidade escrito dez anos depois da sua viagem, baseando-se nos seus próprios diários e em cartas, o que lhe permitiu a distância crítica necessária para melhor traçar o retrato vigoroso de um local que o encantara.

Já “Uma série de temporais terríveis”, na realidade uma carta, traduz a urgência daquele que conta o que acabou de viver. A sua estadia, marcada por um Inverno rigoroso – pelo menos do ponto de vista dos ilhéus – permitiu-lhe, com efeito, presenciar temporais marcados pela rebentação

forte, com uma ondulação que parecia querer entrar pela casa dentro e atingia alturas desmedidas, numa fúria desenfreada dos elementos.

Este furor da Natureza confrontou-o não só com a dureza das leis dos homens – em particular a aplicação das regras de quarentena a tripulações que acabavam de escapar a um quase naufrágio e perder todos os seus haveres mesmo que estas incluíssem mulheres e crianças – e com a coragem daqueles que galgavam o mar para ir em auxílio dos que encalhavam mas também com a ganância daqueles que tentavam roubar a mercadoria dos barcos que naufragavam. Este testemunho permite ao leitor descobrir a vocação mais profunda e antiga do porto da Horta: a de abrigo seguro contra as intempéries.

É impossível falar do Faial sem falar do Pico de tal forma as duas ilhas têm os seus destinos interligados. Wentworth foi sensível a esse facto e um bom exemplo disso é o terceiro relato desta colectânea, “Subida à montanha do Pico” no qual, pormenorizadamente, descreve a sua escalada e as emoções da mesma (“*Havia três coisas que o Pico tinha e nenhuma montanha americana podia oferecer: 1. A subida de toda a altura da montanha desde o nível do mar. 2. O aspecto do mar visto nos intervalos das nuvens que cobriam todo o resto. 3. O vapor que tornou daí para a*

frente o aquecimento central uma realidade para nós”, p. 84).

“Uma viagem aos Açores” e “As Ilhas encantadas” já não se referem apenas ao Faial – apesar deste continuar a ser o eixo da sua reflexão – mas aos Açores em geral e novamente Wentworth mostra a sua capacidade de observação e o seu interesse pelo que viu. No primeiro texto refere-se a dados concretos e aos livros que se podem ler sobre as ilhas e refuta algumas das evidências apresentadas, opondo-lhes a certeza dos factos comprovados pelos seus próprios sentidos, sem nunca deixar de elogiar a acção civilizadora dos Dabney.

Já no segundo texto, Wentworth poetiza o real e debruça-se sobre o que as ilhas têm de fascinante (“*Uma ilha oferece-nos a altitude que se ergue da profundidade; mostra o que é estável ao lado do instável, o fértil ao lado do estéril e a segurança após o perigo.*” p. 111), não se restringindo aos Açores, e, de certa forma evocando todos os relatos que embalaram gerações de leitores, com particular destaque para Melville.

O seu interesse pelos Açores acabou por levá-lo a interessar-se mais pelo país a que as ilhas pertencem e daí nasce “Apogeu e decadência de Portugal”, onde traça uma breve história do país desde a sua fundação, centrando-se nos episódios mais marcantes (como é o caso da Batalha de

Ourique ou do episódio de Ega Moniz que se ofereceu como refém em troca da certeza que D. Afonso prestaria vassalagem ao reino de Leão), aqueles que, de certa forma, povoaram a memória e frequentemente surgiram sob a pena dos nossos escritores.

Ao longo da análise centra-se ainda na figura de Vasco da Gama, que associa frequentemente a Colombo pela grandeza dos feitos de ambos, em Afonso de Albuquerque e no seu papel extraordinário na construção de um Império a Oriente (como defensor acérrimo dos direitos humanos, Wentworth salienta o seu carácter justo e a vontade de governar não pela força mas sim pela justiça e o acordo com os povos dominados).

Para Wentworth é com a morte de Albuquerque que começa o declínio de Portugal pois a riqueza vinda do oriente começa a corromper tudo e todos e traduz-se numa violência despropositada (cita aliás Camões sobre esse assunto referindo, nas palavras do bardo, que “A avareza e a ambição agora desafiam a Deus e a justiça na Índia”) e num desregrar que culmina com a morte de D. Sebastião, arrasado pelos ímpetus de um entusiasmo juvenil que o precipitou para a morte e entregou o país ao poder espanhol. Sob a época filipina passa rapidamente para se debruçar sobre o reinado de D. João V (“*o mais supersticioso dos modernos reis devotos*”

p. 128) e sobre a obra do Marquês de Pombal que considera um *“de uma série de grandes homens da história. Foi um homem da índole de Cromwell mas instruído não pelos puritanos mas pelos enciclopedistas. Era um homem de vontade férrea, enorme capacidade administrativa e de mãos limpas de suborno mas não livres de sangue. Nenhum estadista europeu contemporâneo fez coisas mais admiráveis”* (p. 129). O seu entusiasmo com a figura do marquês não o impede de ser lúcido e de ver o seu lado mais cruel mas nota-se claramente que para ele este é um homem admirável que viu a sua obra e o seu nome destruídos, arrastando Portugal para uma dependência externa e inúmeras revoluções internas.

As guerras liberais servem-lhe sobretudo para demonstrar a influência perniciosa das nações “amigas” – com particular relevo dado a Inglaterra – e para, novamente, salientar o papel dos Açores já que apenas a Terceira se manteve fiel a D. Pedro e que seria daí que partiria a frota que derrotaria os miguelistas.

No reinado de D. Maria II destaca sobretudo a figura de Mousinho de Albuquerque (e não a monarca dado que considera que a rainha muitas das vezes era arbitrária e desrespeitava a carta liberal), e a revolta da Maria da Fonte.

Homem de curiosidade, Wentworth aprendera rudimentos de português e entusiasmara-se com Camões de quem traça uma breve biografia e que considera esquecido pelos seus. Sobre a obra do poeta afirma que *“há n’Os Lusíadas maravilhosos encantos, dignos da suave língua em que está escrita esta obra. Tem os encantos do italiano: beleza da melodia, eloquência descritiva e delicados retoques de sentimento. É verdade que uma mitologia pesada afecta e desfeia a obra mas, no entanto, talvez a narrativa tenha um interesse mais sublime do que o do Orlando ou de Jerusalém ,mesmo que demonstre uma faculdade de imaginação menos marcada”* (p. 125).

Apesar de se centrar sobretudo na figura daquele que é tido como o nosso maior poeta cita também Gil Vicente, Sá de Miranda, António Ferreira, Violante do Céu e Garrett (de quem destaca a carreira diplomática) e critica a dependência em que a literatura portuguesa se encontra pois os seus escritores tendem a imitar os modelos franceses.

Esta breve resenha da história de Portugal termina com uma análise sobre o espírito do país: *“Não há alegria no país. A tendência para a melancolia que os críticos apontam como sem igual na poesia, repassa tudo mais. (...) Há muitos países que usam luto mas nenhum cujo sentido*

*lúgubre do destino seja tão profundo como em Portugal*” (p. 137).

Muito diferente de todos os outros textos é “A Janela Assombrada”, a única incursão pela ficção desta colectânea.

Um relato marcado por um tom sombrio e repassado de angústia em que as memórias do Faial reaparecem constantemente, entrançando o destino das personagens mas também as duas nações, numa tragédia que se consuma na morte de Severance mas

que mostra as influências românticas que o marcaram.

Ler *O Faial e os Portugueses* permite-nos não só redescobrir um Faial esquecido mas também despertar a curiosidade por outros textos sobre a época (por exemplo, os *Anais da família Dabney*) e pelo percurso do autor, um homem que se destacou pela sua eloquência posta ao serviço dos mais desvalidos, os escravos, e pela sua força moral. CATARINA AZEVEDO